

25 DEZ 1991

~~DEU 718,00~~

O fundo do poço

MAX ROSENMANN

Parece que nem todos estão sensíveis para ver a gravidade da situação do País. Nem todos perderam o bastante e ainda dá para manter um aparente clima de tranqüilidade. Além disso, a considerar pela indole do povo, correndo o risco de ser considerado fatalista ao extremo, parece que só quando o fundo do poço tocar nossos pés haverá tal conscientização.

O Brasil ainda não chegou ao fundo do poço, mas vai chegar! É mais rápido do que possam imaginar os otimistas e crédulos. A ingovernabilidade vai se refletir em 1992 na forma de crise generalizada.

Sem estrutura para novos tratamentos profiláticos do tipo choque econômico — até agora fracassados —, o País ingressa num coma que se pode tornar irreversível, se não for aplicado o remédio certo na hora certa: vontade política.

Este ano, bem ou mal, a inflação, embora alta, esteve relativamente controlada, a produção ainda ativa e o mercado consumidor em aparente equilíbrio. Sinais vitais quase inalterados. Nos primeiros meses de 92, entretanto, a recessão vai provocar redução de pedidos, queda da produção e a conseqüente onda de desemprego. É o Brasil em nova crise aguda, só que a sociedade não estará mais disposta a doar sangue para a transfusão salvadora.

Se for reprisada a conversa de nova cota de sacrifícios, a população, cansada de pagar a conta de dívidas que não fez, decerto vai virar a mesa. Manifestações de protesto já estão armadas e a ponto de explodir nos corações e gargantas de todos os que não suportam mais viver em desespero e desesperança.

Em 1989, quando, depois de mais de 20 anos de abstinência democrática, o povo elegeu um presidente, a situação era idêntica. A energia foi canalizada para o voto. Luz no fim do túnel, os ânimos se acalmaram. Agora, com as esperanças destruídas pelos erros constantes e pela perda de controle sobre os acontecimentos, a população, que num primeiro momento acreditava estar



ESTADO DE SÃO PAULO

diante de um poder forte, descobriu-se novamente só.

Fome, miséria e desespero devem explodir em manifestações espontâneas. Mas desta vez os quebradeiras e os saques não atingirão apenas lojas e supermercados, mas também aqueles locais onde a população acredita estar a fonte de todos os problemas: as casas que abrigam os poderes políticos. Quem sabe, ao verem assembleias legislativas e palácios de governos sendo atacados, os políticos que até agora preferiram assistir "de camarote" ao Brasil afundar afinal vejam o fundo do poço — e que a briga deixou de ser entre ricos e pobres, patrões e empregados, para ser de todos contra as instituições que perderam seu valor. Resposta direta ao comportamento dos políticos que brigaram pelo voto, mas depois de eleitos deixaram o povo do lado de fora. Desprezo por tudo aquilo que lhes foi apresentado como sustentáculo de organização da sociedade, mas que depois acabou vigorando apenas para os mais fortes e protegidos.

Não haverá respeito pela ordem estabelecida porque a luta será por coisas básicas até então negadas: alimentação, trabalho, moradia, educação, saúde e lazer. Como impedir que a descrença assuma proporções de revolta e tome conta de todos os que um dia acreditaram, e depois tiveram de engolir desculpas esfarrapadas e miséria?

E quando isso acontecer, que os omissos, acomodados ou apenas preocupados com sua própria vida consigam ver a extensão da crise e todo o desespero que ela traz consigo. Que possam enxergar além dos seus próprios umbigos, acordar para o mundo e ver quanto o País está injusto e desumano. Destroçando, não apenas seu povo, mas também seu futuro enquanto nação.

Vendo seus mandatos também em jogo, é possível que o temor de perder a "galinha dos ovos de ouro" faça com que alguns políticos entendam que foram eleitos para trabalhar pela sociedade, e não para obter vantagens pessoais ou apenas defender interesses partidários.

Esperemos que esta consciência não venha tarde demais. Que nosso tempo não se tenha esgotado...

■ Max Rosenmann é deputado federal (PRN-PR)